

Notícias de Barcelos

Director e Proprietário—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

NOTAS DE LISBOA

9 DE AGOSTO

Há três dias que o nosso embaixador em Londres voltou a responder, com a lógica da verdade, em defesa do plano inglês, à opposição da Soviécia, representada na Comissão de Londres pelo insolente Maisky que, às vezes, quere ser arguto. Em conclusão, vemos que, devido à decisiva intervenção de Portugal do plano inglês, a Comissão de Londres está perfeitamente inteirada do caminho que tem de seguir: ou deixa ir por água abaixo o plano todo, que é um bloco só, como Eden o disse, por outras palavras; ou, então, a Rússia à margem, e vai para diante na discussão do plano.

¿E, porque não ha-de pôr a Soviécia à margem?! ¿Que interesses são os dela na questão espanhola, que valham, na mesma questão, os de Portugal, os da Inglaterra, os da França, os da Itália, e os da Alemanha?!

Se a paz europeia anda precisamente ligada aos interesses da Inglaterra, da França, da Itália e da Alemanha; e se para salvaguardar a paz europeia se inventou a não intervenção, ¿que importância tem, no caso, a opposição da Soviécia?!

Mas isto são perguntas motivadas pela lógica dos recentes discursos do nosso embaixador em Londres, as quais podem não ter resposta nenhuma... Veremos.

O pessoal, contratado e assalariado, da Fábrica de Equipamentos e Arreios agradeceu ao sr. Presidente do Conselho o ter-lhe concedido o direito de aposentação.

Na mensagem que dirigiram a Salazar, na qual exprimiam o agradecimento a que nos referimos, os humildes trabalhadores daquela Fábrica referiram-se aos ingratos, aos que recebem favores do Estado Novo e não se dão pressa em agradecer-lhos alto, de modo que todos o oiçam; e, porque não queriam ser do número de tais ingratos, ali estavam, naquela mensagem, as suas palavras, simples mas sinceras, de agradecimento, e os seus nomes que as subscreviam com orgulho. Estes trabalhadores, que nem, por serem humildes, são menos dignos de consideração, como dignos dela foram na justiça com que o Estado Novo se hove para com eles,—deram, com o seu exemplo, uma lição a tantos portugueses que, sempre prontos para se queixar dos sacrifícios justos, não tugem nem mugem, quando o Estado Novo os beneficia.

A nobreza de alma, está provado que se não mede, nem se confunde com os pergaminhos, que estes trabalhadores honrados não têm.

Estivemos, há poucos dias, na Exposição Histórica da Ocupação no Século XIX; e, se não gostamos de certas esculturas, umas contorcidas, outras deslavadas, sem vida, tudo o mais nos encheu a alma de orgulho, e até de espanto por tam grande ter sido Portugal, e sê-lo ainda, através do Mundo, que ali parecia estar todo aos nossos pés.

É pena que todo aquele rico mostuário, digno de admirar se pelo cuidado e competência da sua disposição, e pelo empenho que houve em esclarecê-lo pelo enriquecimento,—não esteja, todavia, ou não possa estar ao alcance do povo, de quem mais deve conhecer

Juntas de Freguesia

Na sua ultima visita á cidade de Setubal, o sr. Ministro do Interior, Dr. Mário Pais de Sousa, declarou, em reunião das autoridades administrativas daquele distrito, que as eleições das Juntas de Freguesia deverão celebrar-se no próximo mês de Outubro. Salvo caso de força maior, dar-se-á assim cumprimento ao que dispõe o novo Código Administrativo nos parágrafos 1.º e 2.º do artigo 196. As Juntas eleitas entrarão em exercício de funções em Janeiro de 1938.

Tivemos já ocasião de nos referirmos, neste lugar, á importancia politica das Juntas de Freguesia na organização administrativa do País, tal como as define o Código Administrativo de harmonia com os principios constitucionais do Estado Novo. Essa importancia, porém, sobe de ponto neste momento em que se tem de preparar uma eleição que deverá ser a expressão fiel do critério politico e moral do estatuto legal que as criou. Na Junta de Freguesia, órgão da administração parochial, devem estar representadas as familias pelos seus chefes reputados os melhores e os mais competentes entre todos. E' o espirito do bom pai de familia, portanto, que presidirá á preparação e á celebração da eleição, e não, como nos velhos tempos de democracia brava, o espirito do partido e de luta de classes.

O bom pai de familia, neste caso, é o que tem as virtudes de chefe segundo o conceito politico, social e moral do Estado Novo. E' o condutor e o administrador probo leal, esclarecido e forte, com intelligência e bom senso em doses iguais. Homem de principios e homem de acção, será, em todas as circunstancias, autoridade digna e justa, que a todos se impõe e que todos acatam, naturalmente, com respeito e aprêço.

Nesta ordem de ideas nunca poderíamos considerar bom chefe de fa-

milia aquele que não tivesse ideal nacionalista, espirito de união nacional, de disciplina patriótica, e fôsse, tanto na ordem intelectual como dos costumes, exemplo vivo, escandaloso, de contradicção do ideal de família e do ideal de Pátria. O homem de partido e o comunista, pela natureza própria das coisas, carecem daquela *reconhecida idoneidade moral* de que fala o n.º 2.º do artigo 182 do Código Administrativo. Estão fora da comunidade politica do Estado Novo, como elementos de divisão e de desordem social que são!

O Código Administrativo considera chefes de familia, para efeitos da constituição das Juntas de Freguesia: 1.º—o cidadão português com familia legitimamente constituída que com elle viva em comunhão de mesa e habitação e sob a sua autoridade; 2.º—a mulher portuguesa, viuva, divorciada ou judicialmente separada de pessoa e bens, ou solteira, maior ou emancipada, quando de reconhecida idoneidade moral, que viva inteiramente sobre si e tenha a seu cargo ascendentes, descendentes ou colaterais; 3.º—o cidadão português, maior ou emancipado, com mesa, habitação e lar próprios.

Estes são os que devem eleger os representantes á Junta de Freguesia. Importa, pois, elucidá-las acerca do significado e importancia politica, social e moral do acto da eleição. E' esse o dever das autoridades civis, dos dirigentes da União Nacional e, em geral, de todos os nacionalistas militantes do Estado Novo. O tempo, para essa campanha necessaria, urge. Que cada um faça o que deve e puder na sua esfera de acção. Mas que não se perca de vista este principio: os eleitos deverão ser os melhores, os que representem mais condignamente o espirito de familia, segundo o conceito cristão do Estado Novo.

(Do «Diário da Manhã».)

Ministério de Agricultura

Da Repartição de Estudos, Informaçao e Propaganda receberam 4 exemplares das publicações intituladas «Fomento Pecuario», «Os leiteiros dos arredores de Vizeu», Subsídios para o estudo quimico—biologico do Mel nacional e «Cultura das Pereiras», editados pela Direcção Geral do Ministério de Agricultura.

e amar o que foi Portugal, e o que é na vastidão do Império.

Foi preciso vir o Estado Novo, com a sua ansia de justiça, e de renovação nacional, para salvar do esquecimento, e da ingratidão, o esforço heroico dos portugueses que defenderam das cobijas alheias os restos do nosso Império de antanho. É o que aquela Exposição nos diz, com a consoladora certeza de que esses portugueses estão pagos pela justiça feita á sua memoria, e o Portugal de hoje redimido e pronto a continuá-los.

A. da F.

DESASTRE—MORTE

Nesta vertiginosa carreira que o Progresso oferece á nossa ansiosa cobiça, não sabemos por qual género de viação acelerada devemos optar: se pela terra, pelo mar ou pelo ar. Todas estas três espécies de viagens são boas para a gente chegar depressa ao outro mundo.

Contemos o caso:

Na passada quinta-feira, quando o lavrador proprietario sr. António Fernandes, de S. Romão da Ucha, seguia pela estrada montado no seu cavalo, com destino á sua residência, próximo do extremo da sua freguesia e á de Cervães, foi atropelado e ferido por uma caminheta de carga que lhe deu morte instantânea.

A policia tomou conta do trágico desastre, que ela atribue a negligência ou impericia do motorista, pelo deshumano e criminoso abandono em que deixou ficar á sua vítima.

Justiça! Justiça! Justiça!

Este número foi visado pela Comissão de Censura

FRANQUEIRA

Continuando as considerações que aqui temos exposto sobre a Franqueira, cujas obras temos procurado justificar apontando aquelas que se nos afiguram de mais urgentes, desejamos hoje apreciar um outro aspecto do problema: a necessidade dessas obras com relação ao espirito essencialmente religioso que tem presidido através os séculos ao desenvolvimento de tam formosa e aprazível estância.

Para as manifestações de fé, como as peregrinações, que são a expressão máxima e pública do catolicismo do povo, objectam-nos, não é necessário enterrar ali dezenas e dezenas de contos. Desde que haja fé o crente vai á Franqueira, quer seja a pé quer seja de carro, em manifestação colectiva ou por devoção particular. Puro engano! Até 1930 as peregrinações não se faziam todos os anos e o número de assistentes, embora elevado, ficava muito aquém do totalizado nestes últimos anos. É que nem todos os que se incorporam numa peregrinação sabem o que vão fazer, ou atingem o alto significado religioso que isso representa. Vão á Franqueira porque os outros também vão, e mais modernamente, vão á Franqueira porque ouviram falar em grandes obras em curso; e como todo o português alberga no seu espirito aspirações a crítico, para que se julga superiormente talhado, vai á Franqueira porque quere julgar por si, *de visu*, o andamento das obras, a sua necessidade, e se o engenho que as idealizou e superiormente dirigiu, se ajusta ou não á sua maneira de pensar, para depois publicamente se criticar o que se não conhece e se não está autorizado a discutir.

O crente precisa ver a igreja bem decorada, com imagens esculpturais, altares ricos, paramentos sumptuosos, para que, sentindo-se subjugado pelo ambiente, pelo ar que se respira, a sua alma se compenetre da grandeza de Deus e se abra a receber as benéficas influências da magnanimidade divina.

Mais uma razão a justificar o que se está fazendo na Franqueira. A estrada, que esperamos ver consertada brevemente pela nossa digna Câmara, é de uma necessidade flagrante. A casa da mesa e hotel que está bastante adiantada é indispensável, o complemento dos muros de suporte e o escadório a ligar á esplanada e que darão ao monte da Franqueira um outro aspecto, verdadeiramente monumental, impõem-se como realizações imediatas.

Depois disto o número de peregrinos duplicará como acontece em outros santuários. Os visitantes serão em maior quantidade com o consequente aumento de receitas e indiscutível propaganda de Barcelos que será mais conhecida e admirada. E assim como se entra numa igreja de chapéu na mão e com respeito, assim na Franqueira, onde as festas são manifestamente religiosas, seremos mais puros, mais respeitadores e mais crentes.

S.

P.º Manuel Vila-Chã Esteves

Foi na segunda-feira para Fão para descansar dos trabalhos do seu munus o nosso amigo Sr. Padre Manuel Vila-Chã Esteves, Capelão dos Bombeiros Voluntarios e do Hospital da Misericórdia.

Cartas Espirituais

XXV

Querida amiga:

A interessante e mui judiciosa carta da senhora Matilde Gracinda, da linda e poética freguesia das Neves, veio abrir uma grande clareira no meu espirito, sempre preso às futilidades mundanas.

Na verdade, pensando bem e melhor, no que é a vida espiritual, sinto-me envergonhada perante a attitude desta mulher, porquanto, durante a nossa já longa conversa epistolar, só te tenho falado de banalidades sem conta e sem nenhuma utilidade pratica.

Confesso-te, querida amiga, aquella carta foi para mim uma grande lição de moral e um grande exemplo de caridade cristã, dos mais agradáveis a Deus e úteis ao próximo.

Matilde Gracinda, em palavras simples e concisas, como simples é a sua alma, disse muito, disse tudo o que convém dizer e fazer uma jovem ou uma senhora cristã, que se prêsa de ser Filha de Maria ou colaboradora da Acção Católica. Ela, sim, para me dizer que uma jovem, uma senhora deve empregar o seu tempo, as horas de ocio ou recreio, em vestir as criancinhas pobres com a sua própria roupa branca ou de côr, isto é, com pedaços dos seus vestidos usados, não se poz a filosofar como eu, não cobriu não espargiu com flores de retórica o gesto elegante, pleno de beleza moral da caridosa velhinha, que, a-pesar-de tudo, continua na sua nobre e altruista missão de vestir as criancinhas da sua terra!

E' que, a sua maneira de falar, a sua fria lógica, dispensa os sonoros atavios verbalistas, a que nem tu nem eu estamos acostumadas a ouvir e a sentir.

Sim, querida amiga, eu devia, a exemplo desta mulher cristã, que tão galhardamente sabe falar a linguagem da verdade, melhor dizendo, que tão alto sabe levantar as gloriosas tradições da nossa raça e do nosso sexo, eu devia, repito, louvar e pôr em relêvo a tua bela obra vicentina, que com tanto amor e dedicação organizaste na tua ridente aldeia, onde espero ir passar contigo alguns dias de férias, para me refugiar na sombra benéfica das ardências deste sol tórrido e canicular.

E porque o não fiz? E porque o não faço? Para não te contrariar. Para não ferir a tua modestia. Para não alardear os teus actos de abnegação e caridade, que tu, querida amiga, me pedes para ficarem occultos.

Mas não será mais assim. De hoje em diante prometo falar, prometo divulgar todos os teus actos de benemerência, tôdas as bênçãos e louvores das mães pelos beneficios que fazes aos seus filhos, às criancinhas da tua aldeia.

Não é para te exaltar, não é para te elogiar, mas é, sim, para te apontar como exemplo e modelo, melhor dizendo, para servires de estímulo, para atear o fogo sagrado no coração frio ou insensível de muitas jovens senhoras, que podendo fazer muito em beneficio dos pequeninos, nada fazem e tudo desperdiçam: tempo e dinheiro.

Eu comparo estas imprudentes jovens, àquelas virgens loucas do Evangelho, que esperavam a vinda do espôso sem estarem prevenidas com as lâmpadas, cuja chama da fé devia alumiar as suas almas imersas nas trevas...

E depois, querida amiga, que tens tu interessado com a minha silenciosa complicitade? Não foi o teu pároco na Igreja e a tua professora na escola, que desvendaram o segredo das *consoadas* do Natal e dos *folares* da última Pascoa, recebidos com ruidosa alegria pelos teus *afilhados* e grande satisfação da tua santa mãe? Tua mãe!...

Como eu louvo e bendigo a sua nobreza da alma!

Desculpa-me, querida amiga, mas não me posso conformar com os teus escrúpulos e melindres pueris, que diminuem o teu valor e enfraquecem a minha coragem moral.

Nós, que desde os bancos da escola

AINDA A FESTA DOS EMPREGADOS NO COMERCIO

Pelo relato que fizemos na devida oportunidade, todos os nossos leitores puderam apreciar o êxito que constituiu, no corrente ano, a festa dos empregados no comércio.

E por isso, não temos dúvidas que, para o ano, a grande maioria dos nossos leitores se desloque ao Monte da Franqueira para viver a festa dos empregados no comércio, na certeza que empregarão bem o tempo.

— Avisamos todos os possuidores de bilhetes do Serviço de Cafe, que tinha de ser sorteado no alto da Franqueira mas que por vários motivos se não realizou que o sorteio será feito pela última extracção, do corrente mês, da lotaria da Santa Casa da Misericórdia.

A seguir publicamos na integra o discurso do nosso representante, sr. João Pereira da Silva Correia, nessa festa tão encantadora.

Ex.ªs Srs.

Administrador do concelho

Presidente da Associação Comercial

Prior de Barcelos

Representantes dos Sindicatos

distritais e concelhios

Minhas senhoras e meus senhores;

Representando um jornal que é, acima de tudo, nacionalista nesta festa que é também, e antes de mais nada, de confraternização nacionalista, não podia, de modo algum, estar calado.

Pelo menos, não podia deixar de felicitar todos os empregados do comércio pela ideia e pelo êxito desta festa, sobretudo os que mais contribuíram para o seu brilhantismo e muito especialmente, o digno Presidente da secção de Barcelos do S. N. E. C. D. B., sr. Augusto Henrique Moreira.

Não ficaria de bem com a minha consciencia se não o felicitasse porque, incontestavelmente, a êle pertence o maior quinhão do êxito desta festa.

É que, minhas senhoras e meus senhores, o Presidente dos empregados do comércio, possui uma qualidade, em elevado grau, que é a mais necessária nêstes postos—a modestia.

Sem preocupações de marcar, mas sempre com preocupações de servir, o Presidente dos empregados no comércio tem toda a classe com êle porque, por êle, não há nenhuma boa ideia em beneficio da classe que não vença, ou que pelo menos não encontre ambiente para vencer, só pelo facto de ser dos outros.

— Na crise de mentalidade que atravessamos originada em grande parte pela mudança de mentalidade, há muitos que se dizem de mentalidade nova que combatem o egoísmo e o in-

juramos guerra sem trêguas nem quartel contra todos as hipocrisias e respeitos humanos, rezeias o que podem dizer de ti ou de mim, as *senhoras vizinhas ou janeleiras*, que passam o tempo em frente do espelho, a ensaiar gestos e attitudes para bem representarem a comédia humana?

«Vós sois o sol da terra e a luz do mundo», disse Jesus aos apóstolos que escutavam, atentos, o formoso Sermão da Montanha. Assim, também a tua caridade é semelhante a êsse sol e à luz que não se deve esconder debaixo do alqueire, mas sim colocada em sítio onde a todos alumie.

E, essa luz benéfica, que tem algo de divino, vai bater em cheio no coração dos teus pobrezinhos, fonte de inspiração das pâidas e frias cartas que te envia a

Tua Amiga

Marla Salomé

dividualismo mas só nos outros.

Realço essa qualidade do sr. Augusto Moreira porque é precisamente com tal virtude que a mentalidade nova que o Chefe há muito diz ser necessária formar-se e sempre, pelos seus actos, tem servido de modelo, há-de vencer.

* * *

Há um ano, nêste mesmo local e nesta mesma festa, falando também como representante do «Noticias de Barcelos» dissera então que fazia votos para que a festa de hoje, para ser verdadeiramente do Estado Novo, devia ter o concurso do elemento patronal.

Facto tão consolador que não seria inédito porque, felizmente, tal mentalidade vai sendo compreendida por todos os patrões portugueses, ainda êste ano não podemos registar.

Consola-nos em parte, a presença entre nós, do digno Presidente da Associação Comercial, o estimado, ilustre e distinto médico barcelense sr. dr. Miguel Fonseca e nenhum de nós duvida que para o ano, devido a intervenção de S. Ex.ª—e S. Ex.ª é hábil cirurgião, a classe patronal também aqui esteja presente, transformando esta festa, apenas de confraternização do Trabalho, numa festa de confraternização do Capital e do Trabalho.

Felicitando, em nome do jornal que represento, uma vez mais na pessoa do seu Presidente todos os filiados da secção de Barcelos do S. N. E. C. D. B., faço votos que, para o próximo ano ou para a próxima festa, assim aconteça.

E agora, permitam-me mais duas palavras, não já como representante do «Noticias de Barcelos» mas simplesmente como trabalhador e nacionalista.

* * *

Portugueses e trabalhadores:

Quando o ano passado, realizavamos igual festa de confraternização, havia rebentado, apenas há alguns dias, o movimento nacional em Espanha.

E porque logo nêstes dias, pudemos observar bem a reacção nacionalista e conhecer melhor a causa porque surgiu, não duvidamos dum triunfo rápido, fulminante mesmo, dos nacionalistas espanhóis.

Não aconteceu assim. E hoje, passado mais dum ano, a guerra em Espanha continua embora a nossa fé, na vitória dos nacionalistas espanhóis continue também.

Pouco depois de rebentar o conflito espanhol, Salazar, o nosso Chefe, definiu-o como realmente é «uma guerra internacional, em campo nacional».

Se então meditássemos um pouco estas palavras do Chefe, certamente, nunca teríamos sido tão optimistas a respeito da guerra em Espanha, como chegamos a ser.

Não duvidamos—e ai de nós se assim não fôsse, que a vitória total há-de pertencer aos nacionalistas mas, porque nos lembramos agora da definição do conflito dada pelo Chefe, já não nos inquieta tanto a morosidade dêsse triunfo.

Cito-vos êste facto e muitos mais vos podia citar, apenas para vos dizer que é preciso que todos vós, absolutamente todos, acompanhem mais de perto o Chefe

Precisais de o estudar para o conhecerdes bem.

Porque, se assim o fizerdes, depressa chegareis á conclusão não só de que é um homem extraordinário mas que o Chefe, quando diz, ou quando faz, tem sempre a razão a seu lado.

A esta conclusão, para vergonha nossa, chegaram primeiro do que nós, as maiores mentalidades do Mundo.

Ainda há dias no quotidiano financeiro de Paris «Le Capital» o professor insigne da Faculdade de Letras da mesma capital e da Escola Livre de Ciências Políticas, Albert Rivaud, num artigo intitulado «Experiências» fazia as referências mais lisonjeiras ao regime português.

Falando nas «Experiências» Mussolini, Estaline, Hitler, Roosevelt, Van Zeeland, sem falar na experiência Blum e em muitas outras menos ruidosas noutros países afirma, o ilustre catedrático que embora essas experiências ainda estejam em evolução, tôdas elas têm características comuns que permitem duvidar da sua eficácia.

Noutra passagem do seu brilhante artigo—diz o insigne mestre—que, na realidade, só uma experiência alcançou pleno êxito—a portuguesa.

E nêste artigo, rende a Salazar, os maiores elogios. E como êste, quantos mais exemplos não poderíamos mencionar?

Érico Braga, há dias também, de regresso de Paris, declarava ao «Diário de Noticias», a propósito da Exposição que Portugal marcava, que teve orgulho de ser português. Mas, que, a projecção maior, que domina tudo o mais, e avulta dia a dia em grandeza e esplendor, é a do dr. Salazar.

Êste depoimento, tem tanto mais valor, quanto é certo que Érico Braga—êle próprio o confessa ao afirmá-lo—é insuspeito.

Vale realmente a pena lêr o que êsse actor de teatro disse sobre o prestígio de Salazar em França.

Salazar é admirado nos próprios meios esquerdistas. E até numa festa de comunistas a que foi assistir, quando os dirigentes souberam que êle era português, perguntaram-lhe por Salazar e então, pôde ouvir esta frase: «Se nós tivéssemos um homem como Salazar que se interessa pela situação dos operários!...»

Não nos admira êste depoimento. Como êste, e melhor até de que êste, temos tido conhecimento. Citamo-lo, simplesmente, por ser recente.

E não resistimos também a deixar de citar as suas últimas palavras porque, se na verdade, êle de principio declara-se insuspeito para fazer essas afirmações, nestas suas derradeiras palavras mostra bem que tem alma de português. «Venho contente, não pela minha modesta participação na festa típica, mas pelo que vi, ouvi e observei. Ao pisar terra nossa, senti-me envaidecido. Que querem? Sou assim».

Continua na 4.ª pagina

SOCIEDADE

Aniversários
Fazem anos:

Hoje o sr. Mario Viana de Queiroz. Amanhã—a sr.ª D. Maria do Carmo Ribeiro Lima de Azevedo Fonseca e sr. Fernando Vieira Ramos.

Dia—23 a menina Maria Guilhermina Leite de Abreu Novais Correia Malheiro.

Dia—24 as sr.ªs D. Ester Alçada e D. Maria José Pereira Esteves.

Dia 25—o sr. Dr. Miguel Pereira da Silva Fonseca.

DONATIVO

O sr. João de Sousa Caravana ofereceu 10\$00 ao Recolhimento Asilo do Menino Deus em sufrágio da alma da Sr.ª Viscondessa da Fervença.

PAGINA DO CONCELHO

Fornelos, 16

Continuação do último número, ainda da festa do Tríduo do Sagrado Coração de Jesus nesta freguesia e da grande manifestação de fé e entusiasmo, que as Juventudes prestaram não só as da freguesia, mas também das circunvizinhas, que com todo o respeito e disciplina, aqui se apresentaram, fazendo para isso grande sacrificio.

O povo desta freguesia agradeceu muito e ficou entusiasmado com o respeito e bom exemplo que as Juventudes deram naquele dia; pois esta obra assim merece, porque é obra de resgate que se vai desenrolando por esse mundo fora.

É bem alta e sublime a missão da Acção Católica! Ela não é senão outra obra redentora, uma cruzada salvado-

ra, que há-de ser a restauração do mundo para Jesus Cristo, porque, foi Ele e para Ele criada. Portanto, Cristo reina e há-de reinar, se os membros da Acção Católica forem o que devem ser e cumprirem como devem cumprir; e se assim for, podemos dizer com segurança: a Acção Católica é quem há-de salvar o mundo.

Para que assim seja, é bom que todos concórram e auxiliem esta organização tão civilizadora para a sociedade, e, tão trabalhadora na doutrina Cristã, no Apostolado de Jesus Cristo.

—No dia 14 recebeu as águas lustrais do baptismo, um filhinho do nosso amigo sr. Jorge de Oliveira Mondim. O recém nascido recebeu o nome de Celestino.

—Hoje passa o seu aniversário o nosso amigo e assinante sr. Manuel

José da Silva Ângela e sua sobrinha Maria de Lourdes, filha do nosso também amigo sr. Artur Gonçalves da Silva Seara.

Por isso lhe enviamos as nossas mais sinceras felicitações, desejando-lhe esta festa muitas vezes e felizes.—C.

Perelhal, 16

No dia 11, uniram-se pelos laços do matrimónio, o nosso estimado amigo sr. Abílio Miranda de Carvalho com a sr.ª Maria Barros de Carvalho. Aos novos esposos desejamos uma vida venturosa e cheia de felicidades.

—Também no dia 11 foi batizada uma filha do sr. José Joaquim de Amorim e da sr.ª Maria Tereza dos Santos.

—Graças a Deus pelo povo desta freguesia não se ter poupado a árduos trabalhos para consertar as estradas e caminhos, pois se continuassem no mesmo estado dentro em pouco tempo ninguém por elles podia transitar.

—No dia 14 dirigiram-se à praia da Apúlia, o sr. Manuel José Gonçalves com sua esposa e a sr.ª Rosa Maria de Miranda.

—Ontem foi levantado o mastro anunciador das festas de Nossa Senhora do Alívio.—C.

Tregosa, 17

Visto ser apazível aos leitores deste jornal o conhecimento consuetudinário das vicitudes porque passam as freguesias do concelho, vemo-nos obrigados a relatar os progressos e retrocessos desta, a-fim-de expressar, com toda a nitidez, as energias despendidas em prò da referida.

Assuntos houve, entre os mais faustosos, que nos prenderam genuína atenção acerca dos esforços gastos pelo engrandecimento da pomposa terra. Tornava-se necessário haver um ente que revelasse idoneidade para assumir ao encargo de dirigente dos labores beneficentes da paróquia. Conquanto houvesse um que, digno da nossa admiração pela sua índole e virtude, fôsse apto a desempenhar esse munus, não o queríamos apouquear, visto a sua labuta em prò da freguesia ser assaz frequente. Outros havia que possuíam a perícia de administradores laboriosos, mas não lhes competia este dever, visto não serem permanentes na terra. Ora, estando em frente duma série de indecisões, vimo-nos esforçados a optar por uma personalidade de nobre carácter e condigna da nossa maior estima:—sr. presidente da Junta, Manuel Gomes Sião. Este, a-pesar-de sacrificar os seus interesses prò Terra, é como um arauto que percorre o nosso âmbito a evocar seus concidadãos, a-fim-de melhoramentos de estrada. Ao sr. Manuel Gomes Sião, mui digno dos encómios de toda a freguesia, desejamos grandes prosperidades no seu plano a seguir, e, em nome de várias entidades da mencionada paróquia, lhe rogamos que se digne receber os nossos parabens pelo seu louvável proceder. Igualmente lhe rogamos que seria conveniente tomar providências sobre o proceder dos lavradores que conduzem a água da «póça de josia» através do trânsito, desde a casa de Estanislau até a do S. S. Pinto. Pois, algumas sr.ªs que dêle se servem para ir à igreja, há dias transactos, lamentavam essa concessão e ousadia dos lavradores que assim praticam: realmente a praia não era encantadora! Todavia o assunto azedou-se mais ao apreciar vários duches nos sapatos:—ingrato lava-pedras!...—C.

Alvito S. Pedro, 17

Na igreja paroquial de Campanhã, Pôrto, realizou-se o casamento do sr. Armando Augusto de Oliveira, licenciado em ciências, com a sr.ª D. Maria da Ressurreição Príncipe, digna professora oficial desta freguesia.

—Na capela de S. Sebastião da «Casa de Leiroz» também se uniram pelos laços do matrimónio, o sr. Abílio Ferreira de Sousa, da freguesia da La-

ma, com a sr.ª Maria Eugénia Rodrigues Pinheiro, desta freguesia. Presidiu ao acto religioso, o irmão do noivo, rev.º P.º Benjamim Ferreira de Sousa, pároco de Oliveira, tendo como assistentes os rev.ºs abades de Roriz, Alheira e o pároco desta freguesia.

No fim, foi servido em casa dos pais da noiva um lauto banquete que decorreu na mais franca alegria e sendo os noivos muito brindados.

Os noivos fixaram a sua residência na Casa do Outeiral, da freguesia da Lama.

—Em férias: Domingos Correia Neiva Pinheiro, que fez o 6.º ano de filosofia no Seminário Conciliar, ficando distinto.

Álvaro Rodrigues Neiva Magalhães Pinheiro, que fez o 6.º ano, na Escola de Regentes Agrícolas.

Lucínio Pinheiro Durães que transitou para o 3.º ano, no Seminário das Missões do Espírito Santo.

José Carlos Rodrigues Gonçalves, que passou para o 2.º ano no Seminário de N. S. da Conceição.

—Exames do 2.º grau: José Correia Neiva Pinheiro e António Salgueiro da Mota, que obtiveram a classificação de distintos.

—Exames de 3.ª classe: Manuel Rodrigues, Manuel Duarte Fernandes, Adélio Correia Neiva Pinheiro, José Gonçalves de Oliveira, José Gonçalves da Silva, Maria Nogueira, Maria Gonçalves Alvelos e Maria de Jesus Ribeiro. C.

Macieira, 16

Acaba de praticar-se um crime, que, pela forma como se consumou, pôs toda a gente em sobressalto. Era domingo dia de descanso que uma rapariga desta terra aproveitou para fazer uma visita a seu tio, residente na freguesia de Courel aqui visinha. Assim o resolveu e assim o fez. Na volta à casa de sua mãe e tia, com quem vive, numa passagem do caminho ao atravessar uma bouça, já perto de casas e não longe da estrada, apenas a uns trescentos metros, é assaltada por um meliante que, á semelhança duma fera à espera da presa, lhe lança, sem nada dizer, as mãos ao pescoço, privando-o assim do socorro, que a sua voz afflicta chamaria. Valeu-lhe o ser robusta, e, num desespero, não facil de imaginar sustentando uma luta, que ela calcula em meia hora, conseguiu fazer desanimar (talvez?) o facinora, que, julgando-a morta, a deixou a escorrer sangue no meio dum mato para onde se arrastaram na luta, até uma distância de dez metros. E elle, o criminoso, um candidato á onda da peor espécie que conhecemos, depois de a ter roubado deixando-a estendida, toda arranhada pela cara, pisada e ensanguentada, fugiu. Estivemos no local do crime, onde adivinhamos pelas pégadas dos dois na luta, no caminho, pelo mato calcado onde foi abandonada, pelo sangue que tinha salpicado o caminho e o mato, a commoção de medo e terror, que esmagava o coração daquela pobre rapariga, soffocada, sem ter quem lhe valesse. Chama-se ella Maria Ferreira dos Santos com os seus risonhos vinte anos, que, devido á intercessão (?) da S.ª de Fátima, não terminaram naquele dia. Se isto diremos, é porque ella, chefe detresêna da S.ª de Fátima, tinha andado na cobrança das respectivas mensalidades. Pertence também á J. A. C.

O criminoso foi já preso. É elle duma familia de Courel e estava a servir em Negreiros, em casa de Augusto Regado, é filho de Serafim Repolho, e chama-se Joaquim. O roubo consta de um cordão e argolas de ouro, e o dinheiro da cobrança.

Quando a rapariga acordou da commoção causada pela luta, ferimentos e susto, levantou-se, e fugiu espavorida, tendo deixado o lenço da cabeça, não sem ter visto ainda o bandido ao longe, e appareceu assim, como que alucinada, a

PALAVRAS E OBRAS

A nossa Peregrinação a Fátima

Antes de dar começo á minha crónica, quero dizer aos meus leitores que tenho aqui, presente e á vista, o querido jornalsinho «Voz da Fátima», onde vem fotografado o grupo do pessoal da Fabrica Barcelense, e outros peregrinos agregados a ele, com permissão do seu digno chefe e patrão, o sr. João Duarte Veloso.

Como não sei dizer tanto nem tão bem, com o brilho e relevo que merece esta reportagem, curvo-me reverente para dar a palavra ao illustrado redactor que tão justa e brilhantemente soube pintar e colorir este belo e expressivo quadro, que eu procurei encaixilhar em singelas palavras. Ouçam a «Voz da Fátima»:

«Uma fábrica modelo»

Um patrão que se sacrifica pelos seus operários

Operários doidos pelo seu patrão

Quem foi á Fátima nos passados dias 12 e 13 teve a alegria de observar que, entre as várias peregrinações organizadas, que, nesses dias, se dirigiram ao Santuário de Nossa Senhora, a mais piedosa, mais numerosa era a dos operários da Fabrica Barcelense de João Duarte e C.ª Ld.ª.

O aprumo, a correcção, compostura e piedade dos que a compunham foram notados por toda a gente.

Desejamos focá-lo aqui como um exemplo a apontar a patrões e empregados.

A peregrinação á Fátima foi o remate.

Antes, haviam tido um retiro que lhes prégara a alma de apóstolo do Rev.º P.º Domingos Gonçalves, Director das Oficinas de S. José de Guimarães e Assistente Eclesiástico da Junta Diocesana da Acção Católica. No último dia foi a Consagração da Fábrica ao Sagrado Coração de Jesus.

Patrões e operários aproximaram-se da mesa eucarística apenas com meia dúzia de excepções.

Durante o ano depositaram os que quiseram (só uns seis se negaram) dez tostões por semana para a grande peregrinação-excursão que agora realizaram. Os patrões entraram com 13 contos.

A Fábrica parou durante a peregrinação e os operários continuaram a ganhar.

Durante a viagem e na Fátima era de todo o carinho dos patrões e amizade com que lhe correspondiam os operários.

Que o Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora da Fátima se dignem abençoar os patrões e operários dessa emprêsa e fazer com que na nossa terra se multipliquem esses nobres e fecundos exemplos de compreensão e mútua

colaboração no meio da caridade e da justiça.

Dito isto, volto á minha tarefa.

É meio dia. Todos os peregrinos estão preparados e a postos, com os seus estandartes e bandeiras desfaldadas, já incorporados na grande e magestosa procissão, com Nossa Senhora de Fátima no seu andor, qual trono de gloria. O Senhor Bispo de Leiria vai á frente do andor como cicerone e guia das almas dos peregrinos.

O trajecto a percorrer é pouco mais ou menos o mesmo que se fez á meia noite, com a tocante e maravilhosa mente feérica procissão das vélas.

Avé! Avé! Avé! Marial clamam em unisono os peregrinos, indo nesse clamor a suprema aspiração sintetizada nestes melodiosos e sentidos versos:

Avé, Maria, Mãe dos portugueses;
Ouve as preces que o vosso povo faz,
E pelo amor que tendes a Jesus
Dai fim á guerra, dai-nos a paz.

Santa Maria, Virgem milagrosa,
Vêde a desgraça que esta guerra faz;
E vós, que sois a Virgem poderosa,
Rogai a Deus pela vitória e paz.

A seguir á procissão teve lugar a Santa Missa campal, Missa dos doentes, cantada, sendo celebrada no alto escadório e largo patamar da formosa basilica, ainda em construção, cujas linhas architectónicas revelam já o magnifico Santuario da Virgem e Casa de Deus.

Com grande mágua e pesar não lhes falo, leitores amigos, no eloquente sermão que, segundo me informam, foi uma peça oratória de poético e patético florilégio, que o orador, em nome dos peregrinos, soube depôr, com mimo e arte, aos pés da Consolador dos Affitos. Mas, nem eu nem os milhares de peregrinos que estavamos distanciados do pulpito, podemos ouvir o nosso embaixador, por culpa... do alto falante, que, durante estes actos religiosos se conservou mudo ou adormecido...

Queridos leitores: Ainda não é desta vez que podemos sair de Fátima. Não é por falta de tempo: é por falta de espaço. Não vejam neste compasso de espera uma aborrecida má vontade da minha parte; vejam antes um pequeno e suave milagre!.

A nossa fé e o nosso pensamento, continua, pois, dia e noite, a vôjar sobre a Terra Santa da Cova da Iria, semelhante áquele avião—água mecânica—que durante a procissão pairou sobre nós para saudar e glorificar a Santíssima Virgem.

Corações ao Alto!

João Calado

EXAMES

No Seminário de Nossa Senhora da Conceição, Braga, obtiveram passagem os seminaristas barcelenses:

Para o 2.º ano—Domingos Rios Novais e Manoel Pereira de Castro.

Para o 3.º ano—Adélio de Oliveira Campos, Constantino Macedo de Sousa e José da Silva Duarte.

Para o 4.º ano—Candido Martins, Domingos de Oliveira Carvalhosa, Joaquim de Faria Brito, Joaquim Ferreira da Fonseca e Virgílio Novais Gouveia.

Para o 5.º ano—Antonio Fernandes Cardoso, João Pereira de Miranda, Manoel Joaquim Falcão e Rodrigo Alves Novais.

Para o 6.º ano—João Pereira Linares, José Maria Furtado Rodrigues, José Maria Miranda Aviz Pereira de Brito, José de Miranda Carvalho, e Virgílio Fernandes Barbosa.

A todos os seminaristas barcelenses e suas famílias o «Noticias de Barcelos» apresenta os seus parabens.

Farmácias de serviço

No próximo domingo e durante a semana estão de serviço permanente as farmácias de Plácido Lamela á Rua D. António Barroso e J. Alves de Faria em Barcelinhos

contar o facto sucedido, toda ensanguentada, á sua familia.

A policia rural, pôs-se rapidamente em acção, e dentro em breve estava preso o meliante, que cingamente confessou o crime, entregando todo o roubo. Isto é o que nos informa a vítima, sua própria mãe, o local do crime e outras pessoas.

Justiça! Supõe tu que eras de facto aquela rapariga? De repente umas mãos criminosas apertavam-te o pescoço, não te deixavam respirar, nem falar, os teus braços ainda te defenderam algum tempo, mas... foste vencida, prosrtada, julgada morta. Acordaste cheia de sangue, ainda transida de terror, tremendo... Que vais fazer agora? Para bem da Juventude?—C.

Mariz, 17

Consociou-se quarta-feira passada, a sr.ª Maria de Carvalho, filha da sr.ª Rosalina Barros de Carvalho e de José Miranda de Carvalho, já falecido, com o sr. Abílio Gomes de Carvalho, proprietario de Perelhal. Aos noivos, que fixaram residencia em Perelhal, desejamos as maiores felicidades.

—Pelo sr. P.ª José Manuel de Sousa, distinto e ilustre pároco da nossa freguesia e pelo sr. António Gomes de Carvalho, da vizinha freguesia de Perelhal, foi pedida em casamento a sua mãe sr.ª Joaquina Barbosa de Lima, proprietária desta freguesia, a sua filha sr.ª Vitória da Conceição Barbosa de Matos, irmã do nosso amigo sr. António Cardoso de Matos, para o sr. João do Vale, proprietario de Perelhal. O enlace, segundo nos informam, realiza-se brevemente.

—Têm-se ouvido por aqui uns tiros que supomos sejam aos coelhos. Cautela!

—A's 2 horas da tarde de hoje, momento em que *rabiscamos* esta correspondência, está a ser palco de um teatro, o monte de Mariz que, não sabemos, a que horas descerá o pano.

Está em cena, neste momento, o antigo «maninho dos pobres de Mariz», hoje propriedade do sr. Conselheiro Sá Carneiro, dessa cidade.

Arde com tal violência que, não sabemos, a que horas terminará o espectáculo. E, porque temos de fazer seguir já ao seu destino esta correspondência, fica para a próxima o relato circunstanciado do espectáculo.—C.

Ainda a Festa dos Empregados no Comércio

Continuado da 2.ª pagina

São realmente assim todos os que, na verdade, são portugueses.

Com toda a certeza, pelos jornais, talvez tenhais reparado que, na Inglaterra, todas as tentativas de infiltração do comunismo nos grandes centros operários organizados têm sido repelidas de modo bem categorico.

Isto não quer dizer, de forma alguma que em Inglaterra não haja comunistas.

Se o comunismo admite nas suas hostes o maior bandido qual a parcela de território do globo, por mais infima que seja, que se possa gabar de não possuir comunistas?

A grande razão porque o comunismo não se tem infiltrado até agora, muito facilmente, na Inglaterra, é porque, o governo inglês, quando os operários mais instruidos começam a morrer de amores pela Rússia, mandam-lá de visita.

E eles, depois de visitarem o paraíso soviético, perdem logo, e completamente, tal inclinação.

Do mesmo modo, o governo português devia mandar os portugueses que na verdade são portugueses mas que não estão ainda dentro do Estado Novo, ao estrangeiro, para de lá verem Portugal.

E' realmente triste que seja preciso tal remédio mas não tenho dúvidas com respeito á sua eficacia.

Empregados do comércio:
Para vós as minhas últimas e deradeiras palavras. Não há dúvida nenhuma que vivemos uma grande hora de fé. Mas, devemos reconhecer também, que o ambiente que ainda se respira, não corresponde ao momento que atravessamos, á hora Salazar.

Por conseguinte, urge que o criemos. Pertenceis a um Sindicato onde não há analfabetos e que, por isso mesmo, podemos considerar de «élite».

Conviveis com meio-Mundo. Ninguém melhor do que vós, para levar a verdade do Estado Novo, a toda a parte.

Lembra-vos que há muitos portugueses que não conhecem a grande obra feita e que, devido a isso, não podem alimentar esperanças da grande obra a continuar.

Há também muitos portugueses que são contra Salazar, simplesmente porque não conhecem Salazar.

Como cristãos, e praticando a sua melhor virtude, a caridade, levemos a verdade até junto de todos os portugueses.

O vosso Sindicato, por falta de grandes receitas, nunca poderá marcar pelas suas realizações.

Mas, no entanto, pode ser grande, pode mesmo marcar, e muito, pela doutrina que espalhe.

Que todos sejam apóstolos do Estado Novo e de Salazar.

Vejo nesta sala, por cima do nosso Chefe, querido e glorioso, um cartaz que diz: «Salazar vive, a Revolução continua». Acho-o incompleto.

Deveria dizer: Salazar vive e viverá sempre.

Salazar não morreu, nem jamais morrerá.

Para que o nosso triunfo seja maior não quiz a Providência que Salazar morresse ainda.

Mas, quando a Providência levar Salazar, e então desaparecer o Salazar—homem, ficará para sempre o Salazar—pensamento.

Salazar—pensamento nunca os homens das sargetas e dos canos de esgôto conseguirão exterminar.

Sirvamos pois Salazar e levemos Salazar a toda a parte.

Que todos tratem de conhecer o Chefe como na verdade é e que todos

FALECIMENTOS

Inesperadamente faleceu na madrugada de terça-feira a sr.ª D. Francisca Rosa da Silva Barbosa, esposa do sr. Capitão João Hermínio Barbosa.

O funeral da inditosa sr.ª realizou-se hontem saindo o prestito funebre da igreja do Senhor da Cruz, onde foi resado o responso, para o Cemiterio.

As borlas do caixão pegaram os senhores Capitães Mendes Alçada, Arménio Corrêa e Alves da Silva e tenente Cardoso e Silva. A chave foi conduzida pelo Sr. Francisco Torres, Administrador do Concelho. Por pessoas amigas da familia foram conduzidos ramos de flores com sentidas dedicatórias. Fechavam o préstito um piquete de Bombeiros Voluntários.

Faleceu subitamente na segunda-feira o sr. Francisco de Jesus Fernandes, mais conhecido por «Francisco Prêto», trolha, desta cidade.

O falecido era casado e deixa filhos.

Confortado com todos os Sacramentos tambem na passada segunda-feira faleceu, depois de um prolongado sofrimento, o sr. Joaquim da Silva, conhecido pelo «Joaquim da Barca», trolha, desta cidade.

Confortada com os sacramentos da Santa Igreja, faleceu na terça-feira a sr.ª Preciosa Duarte, solteira, de maior idade, realizando-se o seu funeral ontem, depois do responso que teve na Igreja de Nossa Senhora do Terço.

A's familias enlutadas os nossos pésames e aos nossos leitores pedimos a caridade duma prece pelas almas dos falecidos.

DROGARIA MODERNA

77, R. Infante D. Henrique, 79
(em frente aos Correios)

Lobo & Lemos, L.^{DA}
BARCELOS

Especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras, perfumarias, acessórios de farmácia, produtos químicos, drogas, tintas, vernizes, óleos, ouro em folha, produtos de uso caseiro, pólvora e rastilho.

AOS MELHORES PREÇOS

BLOCO BARCELOS, LIMITADA

BARCELOS (FABRICA DA GRANJA) Telefones (27—BARCELOS 99—PORTO-FOZ 891—COIMBRA)

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES

ESPECIALISADA EM

CASAS ECONOMICAS

Fornecimento de vigamentos, Fabrica de Serração soalhos, esquadrias, Materiais de construções, etc.

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

— MOVEIS E DECORAÇÕES —

se preocupem em apresentá-lo a todos os portugueses.

É sempre convencidos que os nossos poucos inimigos—inimigos e não adversários, notem bem—nunca abandonarão essa posição porque se deixaram vender, porque quiseram ser judas, gritemos sempre, para bem de todos os trabalhadores e para maior glória do nosso querido Portugal, que Salazar não morreu, que Salazar vive e viverá sempre.

—O discurso do nosso camarada de redacção que várias vezes foi interrompido com salvas de palmas, foi no final muito aplaudido por todos os presentes.

VIDA DE CRISTO

Segundo os Evangelhos e as revelações de Catarina Emmerich.

Encontra-se em distribuição o Fas. II, do 3.º volume, desta ilucidativa e interessante publicação (R. do Loreto, 34, s[loja—Lisboa).

O facto mais cheio de interesse do presente volume é, certamente, a ressurreição do filho da viúva de Naím. Chamava-se êle Marçal, um dos mártires da Igreja.

A condenação do divórcio foi lindamente confirmada pela mistura da água com leite, que os proponentes não puderam separar.

Assim, responde Jesus, não queiram os homens desunir o que Deus uniu. Agradecemos o exemplar enviado.

Carreiras diárias de camionetes

Entre Ponte do Lima e Porto

NOVO HORARIO DESDE 1 DE MAIO
A 30 DE SETEMBRO DE 1937

Localidades	Chegada	Paragem	Partida
Ponte do Lima			7,30
Correlhã	7,40		7,40
Balugães	8,10	5m	8,15
Barcelos	8,45	5m	8,50
Famalicão	9,30		9,30
Trofa	9,53		9,53
Porto	10,35		17,30
Trofa	18,12		18,12
Famalicão	18,35	5m	18,40
Barcelos	19,20		19,20
Balugães	19,50		19,55
Correlhã	20,20		20,20
Ponte do Lima	20,30		

A partida de Freixo é ás 8,00 e a chegada ás 20,05

Escritório no Porto
Garagem «Comércio do Porto»

CAMIONETES PARA ALUGUER E EXCURSÕES

falar com
DOMINGOS DA CUNHA VILAS-BOAS
BALUGÃES

BALANÇA DECIMAL

Uzada, compra-se. Informa esta redacção.

Aos armadores

Liquidam-se por baixos preços diversos artigos para funerais como panos, goufrés, grades, galões, etc.

Falar com Arménio Corrêa.

AUTOMOVEL 6 LUGARES

Aluga JOSÉ PERESTRELO
Largo José Novais
Telefone 8